

## “DO QUINTAL À RUA”: A CAPOEIRA EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA NA MEMÓRIA DO MESTRE DONIZETE (1950/60)

### “FROM THE BACKYARD TO THE STREET”: THE CAPOEIRA IN VITORIA DA CONQUISTA IN THE MEMORY OF MASTER DONIZETE (1950/60)

### “DEL PATIO A LA CALLE”: LA CAPOEIRA EN VITORIA DA CONQUISTA EN LA MEMORIA DEL MAESTRO DONIZETE (1950/60)

Jonatan dos Santos Silva<sup>1</sup>  
Felipe Eduardo Ferreira Marta<sup>2</sup>

#### Resumo

Este artigo teve como objetivo investigar o processo de disseminação da Capoeira, destacando tensões e conflitos no processo de difusão da Capoeira em Vitória da Conquista/Bahia a partir das décadas de 1950, trazendo as memórias do Mestre Donizete, a partir dos relatos de suas vivências. Para isso, utilizamos a metodologia da História Oral, especificamente a História Oral de Vida, conforme o referencial teórico-metodológico pautado nas produções de Michael Pollak (1989), James Fentress e Chris Wickham (1992) e José Carlos Meihy (2010). Em virtude disso foi possível enfatizar aspectos geográficos, econômicos, políticos e a culturais, além de uma epistemologia do cotidiano vislumbrada no “quintal” e na “rua” como locus de resistência enquanto característica individual da capoeira de Vitória da Conquista/Bahia.

**Palavras-chave:** Capoeira. Vitória da Conquista/Bahia. Mestre Donizete. História Oral.

#### Abstract

This article aims to investigate the process of dissemination of Capoeira, highlighting tensions and conflicts in the process of diffusion of Capoeira in Vitória da Conquista/Bahia from the 1950s, bringing the memories of Mestre Donizete, from the accounts of his experiences. For this, we use the methodology of Oral History, according to the theoretical-methodological framework based on the productions of Michael Pollak (1989), James Fentress and Chris Wickham (1992) and José Carlos Meihy (2010). As a result, it was possible to emphasize geographic, economic, political and cultural aspects, as well as a daily epistemology glimpsed in the “backyard” and “street” as a locus of resistance as an individual characteristic of the capoeira of Vitória da Conquista/Bahia.

**Keywords:** Capoeira. Vitória da Conquista/Bahia. Master Donizete. Oral History.

#### Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar el proceso de difusión de la Capoeira, destacando las tensiones y los conflictos en el proceso de difusión de la Capoeira en Vitória da Conquista/Bahia

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente na rede estadual de Educação da Bahia (SEC/BA).

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Pós-doutorado pela Virginia Polytechnic Institute and State University (Virginia Tech/USA). Docente permanente no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) da Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia.

desde la década de 1950, trayendo los recuerdos de Mestre Donizete, a partir de los relatos de sus experiencias. Para ello, utilizamos la metodología de Historia Oral, de acuerdo con el marco teórico-metodológico basado en las producciones de Michael Pollak (1989), James Fentress y Chris Wickham (1992) y José Carlos Meihy (2010). Como resultado, fue posible enfatizar aspectos geográficos, económicos, políticos y culturales, así como una epistemología diaria vislumbrada en el "patio trasero" y la "calle" como un lugar de resistencia como una característica individual de la capoeira de Vitória da Conquista/Bahia.

**Palabras clave:** Capoeira. Vitória da Conquista/Bahia. Maestro Donizete Historia oral.

## Introdução

A primeira vista, a Capoeira remete ao contexto de sequestro, escravidão, sofrimento, luta “disfarçada” em dança, entre outros aspectos. Ao tomarmos o nosso objeto de estudo, podemos notar o quanto essa primeira visão se encontra reduzida; e o grande leque de possibilidades que poderíamos estar desconsiderando, ao deixarmos de falar sobre a importância dos elementos culturais que constituíram e constituem a dinâmica de desenvolvimento da capoeira no Brasil e em Vitória da Conquista/Bahia.

Nesse sentido, foi eleita, como locus desta pesquisa, a cidade de Vitória da Conquista/Bahia, localizada no interior da Bahia, “palco de uma dinâmica urbana repleta de contradições e conflitos” (FERRAZ, 2001, p. 21). Ferraz (2001) afirma que o fato de se situar em um “entroncamento rodoviário”, devido à presença da BR 116, “que faz a ligação Norte-Sul do país”, influenciou o desenvolvimento econômico da cidade, que assumiu um papel fundamental enquanto ponto de articulação entre a região Nordeste e o Centro-Sul do País, além de ser a terceira maior cidade da Bahia, com desenvolvimento intensificado “a partir da década de 1940 (...) passando a expandir a sua malha urbana num processo crescente” (FERRAZ, 2001, p.22).

A hipótese com a qual trabalhamos parte da premissa de que o processo de disseminação da Capoeira enquanto possibilidade<sup>3</sup> de vivência na cidade de Vitória da

---

<sup>3</sup> Dessa maneira, ao analisarmos o conteúdo das entrevistas, algo que nos chamou a atenção se referiu a um dualismo predominante na Capoeira (Angola e Regional). Esse dualismo influenciou de forma marcante os relatos na medida em que os mestres recordavam os meandros do processo de disseminação da Capoeira na cidade enquanto possibilidade de experiência. O termo “condição de possibilidade” é utilizado a partir da análise que Angélica Epple fez das obras de Michel Foucault sobre a construção de uma historiografia no

Conquista/Bahia foi permeado por tensões e disputas de cunho econômico, cultural, étnico-racial e social a partir da década de 1950. A lembrança destes conflitos estaria guardada (silenciada) na memória do mestre Donizete, que teria participado desse processo.

A memória é um fenômeno multimodal que vislumbrou possibilidades de tratar a capoeira como fio condutor desta pesquisa. Para compreendê-la, nos apoiamos no antropólogo James Fentress (1992) e no historiador Chris Wickham (1992), os quais colaboraram no sentido de se pensar a memória no âmbito social. Esses autores descrevem a Memória Social dentro de uma concepção que prima pela dimensão coletiva da vida de cada indivíduo, “desconsiderando que esta memória não está conectada à vontade coletiva interiorizada” (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Na lógica desses pensadores, os relatos de memória dos mestres de Capoeira tratam de uma memória social, por estarem relacionadas às experiências que cada um viveu em seu grupo social determinado, atribuindo isso às recordações partilhadas.

Dessa forma, a Capoeira, enquanto prática corporal, mina uma fonte de gestos e movimentos com significações sociais e culturais que revelam valores e saberes transmitidos por seus próprios meios: corpo e fala. O corpo, portanto, é receptáculo de uma Memória e, através dela, guarda, preserva, ensina e dissemina. Dessa forma, através da História oral, buscamos investigar o processo de disseminação da Capoeira, destacando tensões e conflitos nesse processo de difusão, a partir das memórias do Mestre Donizete, para compor os relatos de suas vivências.

Essas memórias ainda nos trouxeram outras possibilidades de compreensão do fenômeno envolvido no objeto de estudos, o qual apontou outras vozes, lugares e documentações no intuito de registrarem suas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

---

ponto de vista do gênero. Porém, neste estudo transferimos seu ponto de vista do “gênero” para cultura corporal.

## Materiais e Métodos

Para esta investigação, utilizamos a metodologia da História Oral como método que contribuiu para a compreensão, recriação e aprendizado crítico do presente, o que possibilita conhecer as dificuldades enfrentadas; e a História Oral de vida, conforme o referencial teórico-metodológico pautado nas produções de Michael Pollak (1989), James Fentress e Chris Wickham (1992) e José Carlos Meihy (2010). Essas referências metodológicas nos ajudaram a compreender as tensões e disputas durante o processo de disseminação da capoeira na cidade seguindo os apontamentos de Portelli (1997) e com base nos relatos orais do Mestre Donizete<sup>4</sup>, que iniciou sua trajetória a partir das décadas de 1950. Esse autor se refere aos relatos orais como documentos do presente sob a responsabilidade do entrevistado e do entrevistador, um presente compartilhado.

As categorias de análise foram escolhidas nesta pesquisa a partir de uma perspectiva crítica. Além de estabelecermos um diálogo interdisciplinar entre a geografia, economia, política e a cultura, foi possível trabalhar com a epistemologia do cotidiano, ao trazermos “o quintal” e a “rua” como lócus de resistência para a constituição da própria identidade que configura a característica individual da capoeira de Vitória da Conquista/Bahia. Assim, todos os saberes apresentados até aqui são referências de vida silenciada, uma forma de conhecimento que aponta para uma geopolítica do conhecimento quando abordamos a vida na cidade e a capoeira.

Os dados da pesquisa foram revelados por meio das entrevistas e coleta de relatos orais, seguindo o método qualitativo; em que havia um mestre de capoeira da cidade como protagonista da realização desta pesquisa, Donizete Gomes Lemos (o Mestre Donizete), por entendermos que ele foi o único Mestre de capoeira da cidade de Vitória da Conquista/Bahia que vivenciou o contexto histórico da cidade no período delimitado entre os finais da década de 1950 até os finais da década de 1960.

---

<sup>4</sup> Donizete Gomes Lemos, “Mestre Donizete”, nasceu em Vitória da Conquista/Bahia, no dia 30 de agosto de 1953. Em Belo Horizonte, concluiu o curso de Engenharia Civil e ingressou na política, tornando-se Vice-Prefeito, e, logo depois, Prefeito da cidade de Joáima-MG. O Mestre Donizete relata sua história de vida, abordando, em sua fala, a memória de sua convivência com a Capoeira e destacando o Mestre Deodato.

A entrevista obtida ocorreu no dia 12 de agosto de 2017, durou em torno de duas horas, na qual foi autorizado o uso de aparelhos de áudio (gravador de voz) e vídeo (câmera filmadora). Esses recursos foram importantes na pesquisa porque puderam revelar aquilo que os informantes esconderam ou deixaram nas entrelinhas, fazendo-nos olhar uma parte do todo, sentido primordial para a comunicação (PORTELLI, 1997). Isso nos auxiliou no momento das transcrições dos relatos orais, pois, além de termos reproduzido a entrevista em alguns momentos, tivemos ajuda da tecnologia dos programas de audiovisual para retardar as falas de modo a compreender a dicção e o contexto geral da entrevista.

## Resultados e Discussão

O processo histórico-social da capoeira ainda causa discussões em meio aos autores, tanto em relação a sua ligação direta com as tradições africanas, quanto no que diz respeito ao local de origem dentro do próprio território brasileiro. Entretanto, o que nos leva a argumentar, neste momento, sobre a historicidade da capoeira e suas características, é o fato de que ela remonta elementos vinculados às tradições a partir da memória e ancestralidade. Não é o simples fato de tentar nos remeter ao começo de tudo, e sim, de nos aproximarmos tanto das “questões que a geraram e o que a mantém em expansão (...)” como de suas “condições e circunstâncias históricas e culturais para que aquele jogo tenha se expandido” (ABIB, 2004, p.93).

Podemos definir a origem da capoeira, na sociedade, a partir de seu surgimento em meio ao processo de dominação/escravidão no Brasil. Os primeiros sinais dessa luta, no Brasil, são marcados com a chegada do indivíduo escravizado, trazido forçadamente da África Ocidental a este país, por volta de 1550. Após a instalação do povo negro no Brasil, o sistema escravocrata primou pelos meios de repressão, o que ocasionou a emergência de grandes conflitos de cunho étnico-racial e social. Esse processo de colonização deixou feridas abertas que, até hoje, não foram curadas, já que permanece a luta e a resistência que envolveu fugas e a própria eclosão de práticas culturais no processo de diáspora que ocasionou a chegada do povo africano trazido à força na condição de escravizado para cá.

A repressão social, após a instalação desses povos no Brasil, fez emergir grandes conflitos institucionalizados provocados pelo racismo<sup>5</sup>. Uma guerra declarada entre duas raças (brancos e negros) é apontada nos estudos da pesquisadora Schwarcz (1993) sobre a questão racial no Brasil. A autora aborda discussões a respeito do tema, contribuindo para o entendimento acerca das concepções de raça existentes no Brasil.

A Capoeira, no século XIX, no Brasil, é marcada pelo poder exercido durante o período Imperial (1822-1890), em que as verdades construídas circulavam pela sociedade através dos discursos no intuito de sustentar e fundamentar o processo de regulamentação e institucionalização. É nesse cenário social que as práticas corporais oriundas das manifestações culturais do povo africano sofrem tentativas de serem banidas através de discursos proferidos pelas leis e decretos.

Essas verdades são reafirmadas através de promulgações de decisões de ordens jurídicas que vão direcionar o “poder disciplinar” aos que ofereciam riscos à ordem pública. Assim, ela foi enquadrada no código penal instituído através do Decreto 847, de 11 de outubro de 1890, no Capítulo XIII, Dos Vadios e Capoeiras, em seu Art. 402<sup>6</sup>.

Desse modo, apesar de a capoeira ser proibida e reprimida, ela era praticada nos terreiros, festas de largo e nos quintais. Sua forma de transmissão era por meio da oralidade entre uma geração e outra. Essa forma de transmissão durante o processo de ensino

---

<sup>5</sup> O racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas (MUNANGA, 2003).

<sup>6</sup> Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas, exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoas certas ou incertas, ou incutindo temor de algum mal; Pena – de prisão celular de 2 a 6 meses. A penalidade é a do art.96. Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se importará a pena em dobro.



aprendizado da capoeira era uma realidade em Vitória da Conquista/Bahia<sup>7</sup>. Nas décadas de 1950 e 1960, essa forma de disseminação assume uma característica própria, devido o próprio contexto histórico-social da cidade, o qual abre precedente para a reflexão sobre o entendimento acerca da presença e da permanência da capoeira na cidade em meio aos conflitos e tensões nesse período.

### **O Mestre Donizete: Capoeira não pede bênção a coronel!**

Os primeiros registros da presença da capoeira em Vitória da Conquista/Bahia<sup>8</sup> foram trazidos pelos relatos orais do Mestre Donizete sobre sua história oral de vida abrangendo a Capoeira como a primeira prática corporal vivenciada por ele durante o final das décadas de 1950 e 1960. Ele é apontado, na cidade, como único mestre de capoeira da atualidade que iniciou sua prática ainda nas décadas de 1950, no quintal da casa de um capoeirista da época, denominado “Deodato”. Ao falar da sua história de vida, assim como a de seus antepassados em Vitória da Conquista/Bahia, o Mestre Donizete relata:

Meu avô era negro, então já vem no sangue, a Capoeira está no sangue, não tem jeito. Eu nasci aqui na década de 1950, o Deodato era vizinho, nosso vizinho. Então foi o primeiro esporte que tive contato. Ali na “Praça do Gil”. Era chão puro. Tinha as peladas de futebol e ali a gente aproveitava para brincar a Capoeira. E o Deodato era vizinho, morava na rua subindo a Rua do Mandacaru, no Bairro Recreio. Então foi ali que tive contato com os dois esportes, primeiro foi futebol depois foi a

---

<sup>7</sup> A constituição da cidade de Vitória da Conquista/Bahia e a ocupação do seu território seguiram as premissas habituais dos bandeirantes. Conforme os estudos de Santos (2016), eles construíram um imaginário coletivo pautado em atos de heroísmo, quando, em verdade, escamoteavam a barbaridade na lógica do povoamento do interior brasileiro. Ainda de acordo esse autor, encontramos o registro da primeira aglomeração humana, em 1783, impulsionada pela construção da capela de Nossa Senhora das Vitórias, em agradecimento pela dizimação dos povos indígenas, o que representou um marco de memória do colonizador na batalha com os povos indígenas da região, utilizando o discurso religioso como sustentação para o massacre ocorrido (SANTOS, 2016).

<sup>8</sup> O município de Vitória da Conquista está localizado na Região Sudoeste da Bahia. Essa localidade, que hoje se chama Vitória da Conquista, foi constituída através de relações étnicas raciais diversas. Registra-se a existência dos povos indígenas Kamakan, Ymboré e Pataxó, anteriores à chegada dos bandeirantes. A chegada dos portugueses para essa região foi motivada pela crise financeira enfrentada por Portugal, o que os levou a uma situação de dependência da Inglaterra. Numa tentativa de reversão, investia-se na colonização e exploração das riquezas naturais. A exploração se iniciou no centro-sul da Bahia e nas minas de ouro em Rio de Contas - BA, estendendo-se até onde atualmente é o município de Itapetinga-BA.

Capoeira. Capoeira ficou assim mais marcada na época (...) ver o berimbau, a musicalidade, marcada<sup>9</sup>.

Segundo Mestre Donizete, naquela época, não havia a prática da Capoeira de forma sistematizada, o que havia eram os capoeiristas que se “desenvolviam” sem a presença de um mestre, treinando e praticando nas ruas. Ele diz ter iniciado a prática com Deodato, “embaixo de um ‘pé de manga” e complementa:

[...] era no quintal da casa. Na casa dele mesmo tinha um pé de manga, passei lá hoje e esse pé de manga ainda estava lá. O “Benzin” - o tio dele morreu e essa casa ficou jogada muito tempo. Como era uma rua de pessoas de classe média, eles fizeram um muro bacana por conta dos vizinhos, para não ficar feia a rua. Lá tinha o pé de manga, debaixo dele não tinha nada. E não era chão de cimento. Esse negócio de cimento, isso aqui é novo<sup>10</sup>.

Esse relato demonstra que, no final da década de 1950, já havia Capoeira em Vitória da Conquista/Bahia, conforme relatos do Mestre Donizete, que praticou Capoeira com Deodato, começando por volta dos 8/10 anos de idade, indo até adolescência, e estendendo-se até o final das décadas de 1960. Ele interrompeu os treinamentos para se dedicar aos estudos em Belo Horizonte. Segundo ele, havia outras pessoas que praticavam Capoeira nesse lugar, mas só se lembra de um praticante chamado “Tião”.

Ainda segundo os relatos de Mestre Donizete, quando questionado sobre a possível existência de outro grupo de Capoeira com atuação na cidade nessa época, ele nos diz que “*não tinha, porque ‘Conquista’ era pequena naquela época, não tinha mais de 40 mil habitantes, era pequena*”. Para ele, o fato de a cidade ser pequena o possibilitaria ter conhecido facilmente outro grupo de praticantes de Capoeira na época. Nesse sentido, é importante destacar os locais de prática da Capoeira, o quintal de casa e a rua, já que era nesses lugares que a capoeira foi resistindo às condições impostas pela sociedade regida pelo poder das famílias endogâmicas e dos coronéis de Vitória da Conquista/Bahia.

Nesse aspecto, ao levarmos em consideração que esta cidade buscava se desenvolver economicamente, assim como fizeram outras cidades, os estudos de Josivaldo

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista/Bahia.

<sup>10</sup> Idem.



Oliveira (2004) também abordam questões a respeito da presença dos *capoeiras* nas cidades da *Bahia*. Dessa forma, o pesquisador, também capoeirista, destaca que o *capoeira* é um elemento das ruas, um personagem do cotidiano urbano que tinha que respeitar as regras do mundo que o subordinava e lhe era subordinado, o mundo das ruas (OLIVEIRA, 2004). Assim, podemos observar, na fala de Mestre Donizete, essa relação de poder do *capoeira* ao se referir ao Mestre Deodato: “*era o cara daqui!, Era o dono da rua!*”

Esse lugar, apontado pelo mestre, denota um espaço de prática corporal que se insere na pedagogia de ensino molecular do “quintal” e da rua, onde os corpos brincam, lutam e se articulam. Leva-se, portanto, em consideração esse lócus de produção e transmissão do saber, cuja emergência histórica evidencia uma arte de fazer incalculáveis práticas corporais.

Levando em consideração a dinâmica das ruas conquistas, podemos aproximar ainda aos estudos de Oliveira (2004), ao considerarmos que os *capoeiras* estavam sujeitos a “toda sorte de situação e acontecimento, sendo, muitas vezes, necessário o uso da força para demarcar lugar e afirmar valores e lançar desafios” (OLIVEIRA, 2004), como podemos analisar nos relatos seguintes:

[...] tinha muita briga de grupo, equipe, de bairro tal contra bairro tal. Então a gente fazia Capoeira para não apanhar mesmo. A Capoeira era uma forma de defesa, não era nem como é hoje, uma filosofia de vida das pessoas que envolve até a própria religião. Naquela época não, a gente aprendia pra se defender mesmo<sup>11</sup>.

Dessa forma, o *capoeira* precisava estar sempre atento e bem preparado para não ser surpreendido. Esse pensamento nos leva a relacionar com a simbologia apresentada (a partir da cosmovisão africana) de Exú como protetor dos povos negros e dono da rua através do poema de Abdias Nascimento<sup>12</sup> (1981, p. 67):

Teu punho sou/ Exu-Pelintra/quando desdenhando a polícia/defendes os indefesos/vítimas dos crimes do/esquadrão da morte/punhal traiçoeiro da mão branca/somos assassinados/porque nos julgam órfãos/desrespeitam nossa

---

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Parte do poema “Padê de Exu Libertador”, de autoria de Abdias do Nascimento, escrito em Búfalo, 2 de fevereiro de 1981. Disponível: <http://www.abdias.com.br/poesia/poesia.htm>. Acesso: dezembro de 2017.

humanidade/ignorando que somos /os homens negros/ as mulheres negras/orgulhosos filhos e filhas do Senhor do Orum (...).

A relação estabelecida com a *mandinga* torna-se fundamental para o *capoeira* enfrentar os desafios expostos pela rua, onde suas habilidades são identificadas, muitas vezes, como desordem e vagabundagem, em um espaço/território construído a partir de um contexto social de exclusão.

Assim como muitos estudantes da cidade, o Mestre Donizete saiu de Vitória da Conquista e foi para Belo Horizonte completar seus estudos, já que a sua cidade natal não lhe ofereceu essa oportunidade. Outro motivo que levava as pessoas a saírem do município, eram as dificuldades no mercado de trabalho, que já não oferecia muitas oportunidades. O município, na época, conforme Souza (2005), se desenvolvia nos setores voltados para atividades primárias: pecuária e agricultura de subsistência, nos latifúndios controlados pelas famílias que controlavam o poder local. Isso limitava o desenvolvimento de atividades comerciais que também eram controladas pelas famílias que sustentavam o poderio local. Essas condições favoreciam a dependência e a submissão daqueles que estavam distante desse ciclo familiar. A partir da década de 1950, é que a cidade inicia um processo de desenvolvimento no comércio.

O Mestre Donizete trouxe, em seus relatos, uma memória de como as relações sociais de Vitória da Conquista, entre os anos de 1950 e 1960, interferiam diretamente na disseminação da Capoeira enquanto possibilidade de prática corporal no município. Nesses relatos, o Mestre aponta as relações de dependência e subordinação de algumas famílias a outras que estavam numa posição de maior poder aquisitivo e político:

[...] Na época, o governador tinha os “fazendeiros”, os coronéis. Naquela época, eles falavam: ‘os coronéis de patente comprada’. Não é coronel que veio de soldado não. Tinha a patente de coronel só porque tinha poder sobre os pobres. Então meu pai perguntava para quem ele tinha que votar naquela época, perguntava para esse coronel. Esses caras antigos daqui, eles não tinham (...). Eles só tinham dinheiro e poder porque o governador dava o poder para eles. Então eles mandavam na cidade. O soldado tinha que ser totalmente analfabeto, ficava ali pra proteger esses caras. Então se você matasse o cara e jogasse seu chapéu no quintal da casa de um cara desse, o soldado não encostava perto de você. O ato de jogar o chapéu mostrava que o cara já estava protegido pelo dono daquela casa. Eu vivi este tempo, eu era menino nesta época. E meu pai dizia: “quando você ver esses caras, você ajoelhe e dá benção”. Capoeirista não pedia, mas quando chegava em casa o pau comia! Eu não aceitava nada! Chegavam lá em casa e

diziam: “olha seu filho não pediu a benção não, viu?”. Já querendo comandar você. E era assim mesmo, era desse jeito<sup>13</sup>.

Como pode ser observado, o Mestre traz a configuração do poder local estruturada em troncos familiares que se organizaram desde o século XIX. Esse fenômeno, conforme Souza (2005), é tratado como endogamia conquistense e traz em seus estudos e pesquisas em que João Gonçalves da Costa e seus descendentes seriam o núcleo inicial da formação de parentelas que, ao longo do século XIX, passariam a controlar a estrutura econômica fundamentada na pecuária (SOUZA, 2005). O poder endogâmico controlava toda a superestrutura, em seus aspectos políticos, jurídicos e ideológicos, incluindo aqui as práticas culturais. Essas famílias controlavam o principal meio de produção (a terra) e as principais atividades econômicas (SOUZA, 2005). A liderança exercida seguia uma precedência característica do coronelismo típico do mandonismo local da Primeira República, herdado dos conquistadores da região, ainda no período colonial (SOUZA, 2005), um poder de caráter oligárquico<sup>14</sup>.

É importante ressaltar que o nome “coronel” era atribuído, “dado”, conforme o relato do Mestre, a todo aquele que exercia o poder político. Gozava do *status* de coronel desde o chefe de polícia, até os grandes fazendeiros e proprietários de terra (MARTINS; DIAS, 2017). O poderio das famílias<sup>15</sup> – endogâmico – caracterizou as relações no município que desenvolvia um sistema semelhante a outros municípios brasileiros nesse período. Esse sistema, segundo Leal (1997), pode ser caracterizado pelo: coronelismo<sup>16</sup>, mandonismo, falseamento do voto e a desorganização dos serviços públicos locais.

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017 na cidade de Vitória da Conquista/Bahia.

<sup>14</sup> Mais detalhes sobre o coronelismo, consultar: SPINELLI, J.A. Coronéis e oligarquias na Primeira República. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 1992. Disponível: [http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/spinelli\\_05.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/spinelli_05.pdf). Acesso: julho de 2017.

<sup>15</sup> Os estudos de Aguiar (2007) definem a localização de Vitória da Conquista/Bahia como uma encruzilhada, por onde passavam boiadas e tropas vindas da região do Rio São Francisco e de outras paragens. Esse território era pouso obrigatório para descanso de caixeiros viajantes, tropeiros e vaqueiros, bem como de tropas e boiadas. Isso torna a cidade favorável ao convívio e relação entre os diversos povos, mesmo sob o comando dos coronéis que viviam na localidade de Vitória da Conquista.

<sup>16</sup> O “coronelismo” pode ser explicado como resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. Não é, pois, mera sobrevivência do poder privado, cuja hipertrofia constituiu fenômeno típico de nossa história colonial. É antes uma forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e

Identificamos, na fala do Mestre Donizete, que o coronel se personificava numa liderança local que ditava as regras do processo eleitoral, os chamados votos de cabresto. Essa força eleitoral emprestava-lhe prestígios políticos e um natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras (LEAL, 1997). Outro aspecto apontado por Leal (1997) é o fato de a liderança cobrir as despesas necessárias ao processo eleitoral (alistamento, pleito). Assim, a fala do Mestre Donizete sobre esse período, diz que *“eles só tinham dinheiro e poder porque o governador dava o poder para eles”*. Isso corrobora com os estudos de Souza (2005), que traz o coronel no controle do eleitorado - *“voto de cabresto”*. Segundo Souza (1999), o grau de dependência gerado pelo contexto socioeconômico supracitado coloca o coronel na condição de intermediário entre os partidos, o poder público e parcelas majoritárias do eleitorado.

Essa estrutura só é possível de ser compreendida a partir do entendimento da estrutura agrária que se estabeleceu na cidade, o que formou a base de sustentação das manifestações de poder privado, tão visíveis no interior do Brasil (LEAL, 1997). Essa estrutura é remanescente do período colonial que privilegiava grandes propriedades e um sistema produtivo de latifúndio com mão-de-obra escrava, solidificando as relações de poder, conforme podemos compreender melhor nas pesquisas e análises realizadas por Souza (2005) a respeito do poderio endogâmico de Vitória da Conquista<sup>17</sup>.

---

exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa. Por isso mesmo, o *“coronelismo”* é, sobretudo, um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras (LEAL, 1997. P. 23). O coronelismo foi um dos fenômenos mais marcantes da história política brasileira, especialmente no período que se convencionou chamar de Primeira República ou República Velha, compreendido entre os anos de 1889 e 1930. Existem divergências quanto sua continuidade ou não após o período citado (SOUZA, 2005).

<sup>17</sup> O processo de ocupação, desenvolvido no Sertão da Ressaca pelo bandeirante João Gonçalves da Costa, seus filhos e comandados, foi marcado por uma conduta de verdadeira ocupação e privatização da área. O território conquistado foi tratado como área privada, passada nos testamentos para os herdeiros dos conquistadores. Os compradores, famílias oriundas de outras regiões, se integrariam, ao longo do século XIX, aos troncos familiares já fixados na região. A posse da terra e o controle das atividades econômicas na região ficaram efetivamente sob o controle privado das famílias potentadas. A cidade, e as questões pertinentes à administração, também, foram controladas pelas mesmas famílias. Era a consolidação do poder privado, originado no mandonismo, herdado dos conquistadores da região, ainda no período colonial (SOUZA, 2005, p.4).

## O silenciamento e os dispositivos de controle sobre os corpos na cidade

A relação de poder também se estendia às relações jurídicas e ao poder da polícia, colocado em discussão na fala do Mestre Donizete quando ele afirma que “o ato de jogar o chapéu mostrava que o cara já estava protegido pelo dono daquela casa”. Compreende-se, a partir dos estudos de Martins e Dias (2017), que os coronéis ditavam também as regras no sistema de justiça, protegendo os seus e condenando seus desafetos, como é possível perceber nos estudos destes autores:

O controle dos corpos de jurados foi sempre um foco de poder dos coronéis locais. Nesse tribunal, os coronéis protegiam seus afilhados e capangas e, ao mesmo tempo, condenavam seus adversários. Portanto, o júri foi um importante instrumento do domínio do “coronelismo”. Dentre as matrizes do “coronelismo”, as ordenanças e em especial a Guarda Nacional são as que mais contribuíram para a consolidação desse fenômeno. Tais titularidades diferenciavam os coronéis dos demais mortais, os colocava em uma posição de destaque, consolidando seu prestígio político. Assim, se fazia de um ente privado um legítimo representante dos interesses públicos. (MARTINS; DIAS, 2017. p.21).

Diante do que Michel Foucault (1975) chama de “dispositivo de controle”<sup>18</sup> na sociedade disciplinar do século XIX, o mestre Donizete, conforme visto anteriormente, em seus relatos, se rebelou contra essa relação de poder entre as famílias, se recusando a pedir a “benção ao coronel” (*Capoeirista não pedia benção*), mesmo sendo reprimido em casa por sua família. Essa rebeldia fez com que Deodato migrasse de cidade, pois, segundo Mestre Donizete, “*Deodato era considerado malandro*”. Para ele, o próprio sistema político da cidade servia de exemplo para os próprios cidadãos, já que ele se lembra da cidade como referência de que “*nunca se submetia às ordens lá de cima não*”, referindo-se ao governo ao

---

<sup>18</sup> Esta ideia é discutida melhor no artigo de Silva e Marta (2016), intitulado “DOS VADIOS E CAPOEIRISTAS” À EMERGÊNCIA DO “ESPORTE GENUINAMENTE BRASILEIRO”, que tratam das verdades deturpadas sobre a “luta de raças”, que faz reforçar o pensamento de que a capoeira deve ser vista a partir de um referencial em que exista apenas uma raça superior a outra. Dessa maneira, essa contradição é reforçada pelo mecanismo de Biopoder, onde a soberania que dava o direito de “fazer matar” e “deixar morrer” é substituída por este dispositivo de “deixar viver”, porém “viver” conforme aquilo que representasse o total controle conforme os padrões nacionais.

dizer que a cidade “(...) sempre foi de esquerda. Tanto que ‘ACM’ detestava a cidade, porque não se submetia aos caprichos dele<sup>19</sup>”.

Aqui já percebemos uma relação de tensão e disputa gerada a partir das relações estabelecidas nesta sociedade, configurada numa ação de controle por aqueles que exerciam o poder controlador. Isso impedia a disseminação da capoeira pelo fato de ser considerada como “coisa de malandro”, o que refletiu também na saída de Deodato da cidade:

(Deodato era considerado) [...] malandro no sentido de ‘brigar’, não malandro para roubar. Nada disso! Malandro por ser capoeira e por ser brigador, ele era muito brigador. Ele levava vantagem porque tava na frente né. Era prendido para ser investigado, mas não era pra ficar preso. Deodato deveria ter seus 18 anos. Ele deveria ter uns 8 a 10 anos a mais que eu. O capoeirista era mal visto pela polícia<sup>20</sup>.

“A polícia perseguia um capoeirista como um cão danado”, já dizia Mestre Bimba (CAPOEIRA, 1997, p.58). Ao ser questionado sobre possíveis registros de prisão de capoeiras na polícia em Vitória da Conquista, o Mestre Donizete se refere a Deodato relembando a presença de um policial antigo na cidade, “Procópio”, que relatou para o próprio Donizete que:

[...] já tinha prendido o Deodato por prática de capoeira. Era prendido para ser investigado, mas não era para ficar preso”. Ele ainda completa: “Antigamente, o capoeira não poderia ter um nome. Pra você ver onde começa o preconceito. A polícia dizia que todo capoeirista era vagabundo. Então tinha que inventar um codinome<sup>21</sup>.

Essa situação, demonstrada acima, ficou insustentável para Deodato, que deixou Vitória da Conquista/Bahia, aos 25 anos de idade, indo morar no Estado de Minas Gerais, por motivação do Mestre Donizete, residindo no Vale do Jequitinhonha - mesorregião do mesmo estado. Ainda de acordo o Mestre Donizete, há aproximadamente 10 anos, o Mestre Deodato faleceu, ao reagir a uma tentativa de assalto.

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista/Bahia.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Idem.



Ele relata que naquela época, a Capoeira ainda era tida como um problema social e, mesmo não sendo mais considerada como um crime previsto no Código Penal, as autoridades conquistenses não acompanhavam a atualização das mudanças nas leis brasileiras e ainda se utilizavam de um discurso ideológico para justificar os seus abusos dizendo que “*as informações demoravam a chegar, então para a polícia, a gente era vadio*”.

A cidade se distanciava das discussões realizadas no cenário nacional sobre os rumos que a capoeira tinha tomado no contexto brasileiro, já que a Capoeira acabara de ser institucionalizada enquanto “*esporte genuinamente brasileiro*” por Getúlio Vargas, culminando no processo de descriminalização naquela época (SILVA; MARTA, 2016)<sup>22</sup>. Essa discussão nos leva a aproximar da ideia de superioridade de raças e revela a discriminação para com o praticante de Capoeira, como se pode afirmar no relato do Mestre Donizete:

[...] na época não existia televisão, quando eu era menino só via aquele chuveirão na frente (quando apareceu a TV). Então não tinha nada disso. Capoeira era discriminada, era coisa de malandro. A polícia proibia você de fazer. Quando chegava, você tinha que parar. (...) A capoeira foi proibida por lei, na época em que houve a queda do império, o primeiro presidente, que foi o Deodoro da Fonseca, a primeira lei que eles colocaram foi à proibição da capoeira. Aí em 1932 foi que Bimba fez uma roda pra o Getúlio, e em 1937 foi quem liberou<sup>23</sup>.

Embora fosse pouco perceptível pelo mestre Donizete, o próprio sistema político regido pelos coronéis, fazendeiros e pelas famílias endogâmicas do período possivelmente contribuiu para que os próprios praticantes de capoeira aumentassem o sentimento de confronto e de necessidade de expressarem seus conhecimentos, mesmo que esses conflitos fossem representados pela disputa de espaço com as práticas corporais orientais, embora não tivesse sido vistas por ele na época, como podemos observar na fala do Mestre Donizete ao definir a Capoeira a partir das vivências daquele momento:

---

<sup>22</sup> Neste ponto, retomamos uma ideia discutida no segundo capítulo deste trabalho a partir de Silva e Marta (2016) para discutir capoeira no século XIX, na qual foi praticamente vista não como um esporte, mas como um dano, uma prática desordeira de dada ordem pública. A ideia destes autores também traz uma discussão sobre como a Capoeira no século XX sofria as consequências dos mecanismos disciplinares do Biopoder, que levou em consideração a produção de verdades que fez emergir um novo olhar social em torno da Capoeira, considerando-a como “Esporte genuinamente brasileiro”.

<sup>23</sup> Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista/Bahia.

[...] Capoeira é uma luta de defesa. Capoeira não é uma luta de ataque. Só que na defesa surge o contra ataque. Então o Brasil é um país que historicamente desenvolveu muita luta aberta, “vale tudo”, quem mais precisou lutar mais que o capoeirista? Que é na rua. Eu cansei de ir nas ruas e falar: “traz Jiu-jitsu, Taekwondo, Karatê, pode entrar!”, eu tinha mania de falar isso. Aquele orgulho de falar que era capoeirista. Era muito raro vir outras pessoas, mas vinha, mas apanhava porque o capoeirista é malandro, não absorve golpe de ninguém. Pra você acertar um golpe num capoeirista é quase impossível. O capoeirista é bom porque é uma luta de esquiva. Você acompanha o movimento do cara. A partir do momento que você acompanha, você não choca com o cara. E facilita a *derrubada*, a *tesoura*, a queda, o contragolpe. Você vai... o capoeira não é bobo, ele vai percebendo o golpe e colocando lá dentro. Aí ele pega o cara na surpresa<sup>24</sup>.

Apesar de essas disputas serem visíveis para os praticantes de capoeira, eles desejavam praticar apenas como “forma de defesa”, devido existir disputas e confrontos entre os diferentes moradores de bairros na cidade, onde era comum perceber o uso de habilidades nas ruas. Assim, mesmo que de forma discreta, os movimentos de capoeira demonstrados na rua provocavam ainda, a admiração da população, como afirma o Mestre Donizete:

[...] tinha muita briguinha naquela época, era comum, ninguém usava arma, nada disso. Hoje todo mundo tem acesso a arma. Antigamente era na porrada. Então aprendia capoeira no intuito de se defender. Não era parte artística, parte da beleza da capoeira, não tinha nada disso. A preocupação era dar uma rasteira, uma chapa bem dada, uma cabeçada, porque ali que era o “gostoso” da coisa. Era na rua, porque naquela época, não se tinha capoeira como hoje (...). Você aprendia alguns movimentos. (...) então não era uma capoeira que tinha muitos movimentos, tinha poucos movimentos. Tinha a ginga com a meia lua, golpes mais conhecidos da capoeira, cabeçada que você aprendia logo também. (...) Aprendia dois três golpes perigoso, porque ele era muito bom na chapa lateral. Então aperfeiçoava um golpe desse pra se defender. A gente aprendia com ele, aí vinha outro professor, a gente aprendia com outro, não tinha academia naquela época<sup>25</sup>.

Embora ele tivesse sido um indivíduo pertencente à classe média da cidade, os valores adquiridos na capoeira, a partir da vivência com os demais, fizeram o mestre Deodato refletir sobre as práticas racistas presentes em seu próprio recinto familiar, regido por descendentes dos próprios coronéis e fazendeiros supracitados. Ao falar do silenciamento que manteve durante anos, referindo à proibição de sua família à prática de capoeira, ele recorda as cenas racistas que predominavam “naturalmente” em meio

---

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

comportamento de sua família ao dizer que:

[...] Falar pra sua mãe que você fazia capoeira era completamente proibido. Minha Vó era racista. Eu lembro que a mãe da minha mãe, a empregada não podia ir na sala, não podia comer sobremesa, eu me lembro disso, falava assim: “tem um neguinho aí te procurando”, neguin. O pai dela deve ter tido escravo quando ela era pequena. Era família aqui de Beassunssê, Caculé, aqueles lugares de Coronelismo. Então até pouco tempo era assim<sup>26</sup>.

Dessa forma, as próprias tensões silenciadas<sup>27</sup> nesses conflitos sociais e étnico-raciais são reforçadas a partir daquilo que o próprio poder público faz com as pessoas, levando-as a cometerem as mesmas atrocidades para com seus próximos, apesar de os motivos das disputas ocasionadas entre os grupos organizados nos bairros não terem uma justificativa explícita que demarcam a origem e a perpetuação desses conflitos.

Desse modo, Lara (2007), ao apontar registros do período colonial sobre os significados das palavras de acordo a classificação social com base na cor, mostra que esse fator era uma condição que separava os “escravos” dos que eram “livres”, dizendo que, mesmo “que todos os negros, (...) fossem ou tivessem sido necessariamente escravos, a cor era um importante elemento de identificação e classificação social” (LARA, 2007, p.144).

Dito de outra maneira, pode-se considerar que esse ato de recordar, trazido pelo Mestre Donizete, está associado à subjetividade, principalmente quando está envolvido das recordações motivadas por emoção e sentimentos movidos por experiências pretéritas (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Na sua vivência, observa-se que, ao migrar para Belo

---

<sup>26</sup> Com o nome de Imperial Vila da Vitória, o município apresentava uma população Livre, com 11.619 habitantes, e de População Escrava, com 1.846 habitantes, segundo dados do censo de 1870 (IVO, 2004). De acordo Nascimento (2008), essa população negra se constituía de pessoas em sua maioria nascidas no Brasil, um número balanceado entre mulheres e homens. Isso nos leva a pensar que a chegada dos povos negros na região talvez tenha ocorrido anteriormente à chegada dos portugueses. Nas pesquisas e estudos realizados por Idelma Novais (2008), a população negra escravizada exercia funções diversas, tais como: fiandeiras, costureiras, oficiais e aprendizes de carpina, oficiais de ferreiro, oficiais sapateiros, ourives, pedreiros, telheiros, lavadeiras, cozinheiras, jardineiros, carreiros, mucamas, cocheiros, carpinteiros, além de serviço doméstico e em lavouras. A partir daí, já se evidenciava a construção social negra presente nos quilombos/mocambos da cidade.

<sup>27</sup> O silenciamento é discutido nos trabalhos de Michael Pollak (1989), que trás a memória subterrânea apresentada em *Memória, esquecimento, silêncio*. Ele apresenta uma oposição à memória institucional, as memórias subterrâneas, dos grupos marginais, dos excluídos, que são as memórias do sofrimento e da dominação.

Horizonte, de certa forma, revive algo comum entre os sertanejos que é o processo de migração para centros urbanos em busca de estudo e trabalho.

Desde então, a presença da Capoeira, na cidade, foi se extinguindo nos finais da década de 1960, já que Donizete teve que dar continuidade a seus estudos no nível superior em Belo Horizonte, embora ele relate que *quando vinha de férias para cá, naquele tempo que nós fomos embora, e ele ficou aqui, a gente vinha todas as férias para cá, e a gente continuava com ele, aí mais velho, lá pra 1971 que eu fui para Belo Horizonte, eu já tava com uns 20 anos*<sup>28</sup>.

Dessa forma, embora ele marcasse presença nos treinos de Capoeira durante o período de férias do seu curso universitário, isso não foi suficiente para garantir a continuidade das práticas na cidade, uma vez que não ficou *praticamente ninguém. Porque pouca gente se interessava por capoeira, você tinha que ter muita vocação, porque os pais não sabiam, meus pais não sabiam, era tudo escondido, você não podia falar que tava fazendo Capoeira*<sup>29</sup>.

Em seguida, o seu mestre, Deodato, em meados da década de 1960, teve que sair da cidade, devido a problemas relacionados a processos judiciais por motivo de conflitos, já que *“quando se tinha um problema aqui de briga tinha que vazar, porque se a polícia visse tinha que ir atrás. O capoeirista era mal visto pela polícia”*<sup>30</sup>.

## Considerações Finais

Os estudos sobre a Capoeira em Vitória da Conquista trouxeram a discussão sobre os conflitos provocados pelas tensões e disputas durante o processo de disseminação da Capoeira nas décadas de 1950 e 60 na cidade, oferecendo-nos possibilidades de compreendermos a relação existente entre as memórias apresentadas pelo Mestre Donizete e as disputas de cunho socioeconômico e étnico-racial. Além disso, permitiu o aprofundamento de análises das memórias do Mestre Deodato, marcadas por: superação

---

<sup>28</sup> Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista/Bahia.

<sup>29</sup> Idem

<sup>30</sup> Idem.

advinda de sua trajetória de vida; vivências conflituosas perante o poder controlador do sistema; desmoralização; resistência ao preconceito racial; enfrentamentos políticos e iniciativas que impulsionaram a disseminação da capoeira.

Os dados apresentados nos revelaram narrativas vistas “de baixo”, que trouxeram as histórias de vida dos excluídos a partir de memórias silenciadas trazidas por alguém (mestre Donizete) que resistiu ao sistema durante em sua vivência enquanto capoeirista. Percebemos que a capoeira já existia na cidade, desde as décadas de 50, não como possibilidade de prática, mas como uma luta utilizada pelos *capoeiras* – ora para se defender daqueles que foram oprimidos pelo sistema e buscavam na força física o significado da subversão; ora enquanto subversão direta ao sistema que tinha a polícia como redentora de uma sociedade regida pelo poder das famílias endogâmicas e dos coronéis e políticos da cidade, como vimos.

É perceptível, dessa maneira, uma via de mão dupla geradora das tensões, já que, ao passo que o próprio sistema político, regido pelos resquícios do poder exercido pela elite de outrora na cidade, tensiona as práticas culturais oriundas do povo negro para banir suas existências, as memórias dos mestres destacam disputas de legitimação, traduzindo os “dispositivos” de poder que o próprio sistema usou para tensioná-los<sup>31</sup>.

## Referências

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004.

AGUIAR, I. P. **Do púlpito ao baquiço religião e laços familiares na trama da ocupação do sertão da ressaca**. 330 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

---

<sup>31</sup> Para mais informações sobre o processo de disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista sugerimos a leitura da dissertação de mestrado de Silva (2018), intitulada “Capoeira não pede benção à coronel”: os mestres e a memória da disseminação da capoeira em Vitória da Conquista/Bahia (1950-2000), do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.

CAPOEIRA, N. **Capoeira: Os fundamentos da Malícia.** Rio de Janeiro: Record, 1997.

FENTRESS, J.; CHRIS, W. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado.** Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FERRAZ, A. E. Q. **O urbano em construção: Vitória da Conquista, um retrato de duas décadas.** Vitória da Conquista: UESB, 2001.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões.** Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1977. In.: FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison.* Paris: Gallimard, 1975.

IVO, I. P. **O Anjo da Morte contra o Santo Lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia.** Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004.

LARA, S. H. **Fragmentos Setecentistas: Escravidão, cultura e poder na América portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEAL, V. N. **CORONELISMO, ENXADA E VOTO, o município e o regime representativo no Brasil.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MARTINS, W. R.; DIAS, R. B. **CORONELISMO: contaminação crônica da política brasileira,** p. 1-28 Disponível: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2287-8.pdf>. Acesso: agosto de 2017.

MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2010.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ. Acesso em: em 5 nov. 2003.

NASCIMENTO, A. do. **Trecho do poema “Padê de Exu Libertador”, escrito em Búfalo, EUA, em 2 de fevereiro de 1981.** Disponível em: <http://ipeafro.org.br/acervo-digital/audio/poesia/>. Acesso em: janeiro de 2018.

NASCIMENTO, W. S. Do. **Construindo o “negro”:** lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930), 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2008.

NOVAIS, I. A. F. **Produção e comércio na Imperial Vila da Vitória. (Bahia, 1840-1888).** 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.



OLIVEIRA, J. P. **Pelas ruas da Bahia: criminalidade e poder no universo dos capoeiras na Salvador republicana (1912-1937).** (Dissertação) Universidade Federal da Bahia, 2004.

PORTELLI, A. **A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.** Tempo, Rio de Janeiro, v 1, n.2, p. 59-72, 1997a.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História.** São Paulo, n. 15, abr./1997, p. 13-49.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, J. **Um olhar (novo) sobre a história de Vitória da Conquista na condição de cidade média.** In.: SANTOS, J. (org.) Vitória da Conquista no século XXI: reestruturação urbana e mudanças em seu papel como cidade média. Vitória da Conquista: Ed. UESB, 2016.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, J. S, MARTA, F. E. F. **“Dos Vadios e Capoeiristas” À Emergência do “Esporte Genuinamente Brasileiro”.** Anais eletrônicos do VIII Encontro Estadual de História da ANPUH-BA. Feira de Santana, 2016. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Disponível em:  
[http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477694131\\_ARQUIVO\\_artigojejonatan.pdf](http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477694131_ARQUIVO_artigojejonatan.pdf)

SOUZA, B. J. **Peduros e Meletes: disputa do poder local no Sertão da Bahia.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Londrina, 2005. Disponível: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0158.pdf>. Acesso: julho de 2017.

SOUZA, B. de J. **Arreios, currais e porteiras: uma leitura da vida política em Conquista na Primeira República.** São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999. f. 177.

#### Fonte Oral

- Donizete Gomes Lemos, Mestre Donizete, entrevistado em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista/Bahia.

Artigo recebido em: 10 de maio de 2019

Aprovado em: 17 de setembro de 2019

Revista Cenas Educacionais, Caetité – Bahia - Brasil, v. 2, n. 2, p. 3-24, jul./dez. 2019.

**SOBRE OS AUTORES:**

**Jonatan dos Santos Silva** é licenciado em Educação Física, mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É docente na rede estadual de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA). Vencedor do concurso nacional de monografias sobre a cultura afro-brasileira do Ministério da Cultura no ano de 2010.

**Contato:** [jonatandon@gmail.com](mailto:jonatandon@gmail.com)

**ORCID:** [0000-0002-5251-0948](https://orcid.org/0000-0002-5251-0948)

**Felipe Eduardo Ferreira Marta** é licenciado em Educação Física, com Mestrado e Doutorado em História Social. É Professor Titular na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia atuando como docente no Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade. Também atua como docente no curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Bahia). Tem experiência na área de História da Educação Física, Lazer e História, Corpo e História, História e Oralidade. É líder do grupo de pesquisa CORPOHIS: Corpo, História e Cultura.

**Contato:** [fefmarta@gmail.com](mailto:fefmarta@gmail.com)

**ORCID:** [0000-0002-0501-4298](https://orcid.org/0000-0002-0501-4298)